

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Mantenham

Bolsonaro no jogo...

Ao longo dos últimos dias, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva jogou uma boia para evitar que Bolsonaro afundasse. A mais importante delas foi dizer que havia sido avisado pela Polícia Federal de uma busca e apreensão na casa de seu irmão Vavá. É uma forma de minimizar o episódio que envolve o presidente, caso ele tenha sido avisado da operação contra o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro.

...que me interessa

Para bons entendedores, está claro que Lula não quer Bolsonaro tão fraco a ponto de perder a vaga, se houver segundo turno.

Caio em "modo avião"

Enquanto os políticos se dedicam à PEC do Vale Tudo, o presidente da Petrobras, Caio Paes de Andrade, assumiu o cargo na surdina: sem solenidade pública e ausente à primeira reunião do conselho depois da posse. Ele segue em silêncio, administrando os processos que surgem. O Sindipetro do Rio de Janeiro, por exemplo, entrou com uma ação popular para que sua nomeação seja suspensa. Entre as alegações, está uma sociedade da empresa da ex-mulher de Caio com uma firma que presta serviços à petroleira.

A luta continua

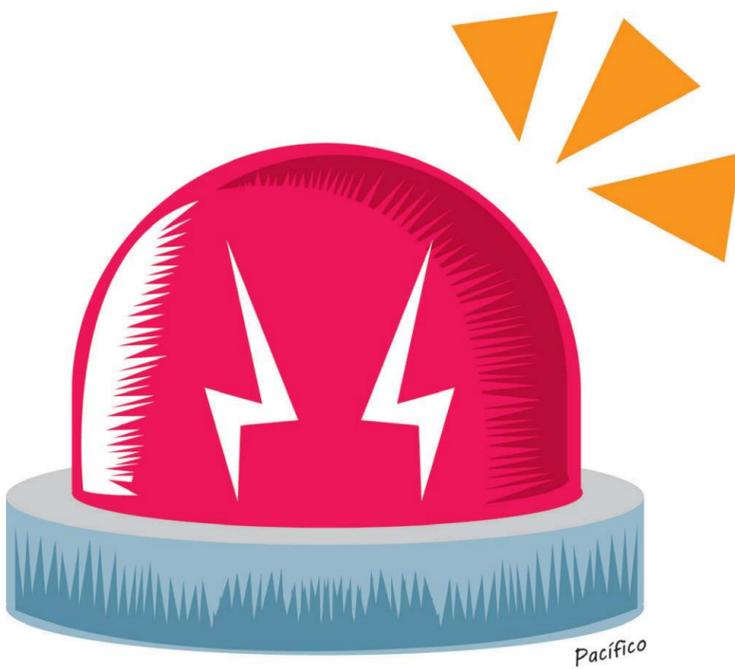
O governo pulou a fogueira da CPI do MEC na última semana de junho, mas restam os próximos 10 dias de funcionamento do Congresso, com pressão total para a abertura da investigação. É a batalha desta semana no Senado. A da Câmara é a PEC do Vale Tudo.

PP acende o alerta

Deputados do PP comentam, em conversas reservadas, que o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), avançou demais o sinal na defesa do presidente Jair Bolsonaro (PL), assumindo a responsabilidade de problemas que são do Poder Executivo. A avaliação é de que, por esse caminho, Lira terminará comprometendo sua permanência no cargo em 2023. Eles acreditam que é hora de impor limites nessa relação com o governo para não prejudicar o futuro. Afinal, só emendas ao Orçamento não garantem poder ao

partido se Bolsonaro perder e Lula, ou outro candidato, for eleito.

A ala partidária mais próxima a Lula, por exemplo, está incomodada com tanta deferência de Lira ao presidente. Considerava, no início do ano passado, quando o alagoano assumiu o comando da Câmara, que deixaria Bolsonaro a reboque. Mas ocorreu o inverso, na avaliação de alguns parlamentares: Lira é que ficou dependente do presidente. E assim, vai ficar difícil atravessar a ponte para Lula se as urnas confirmarem as pesquisas.



CURTIDAS

Governo de SP



O discurso pegou/ O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB, foto), praticamente puxou a fila da redução do ICMS dos combustíveis por diversos estados. Até aqui, 13 unidades da Federação já promoveram alguma redução no imposto. No do Rio de Janeiro, o governador Cláudio Castro foi além: ameaçou aumentar os impostos da Petrobras, se a empresa mantiver a política de aumentos.

O contribuinte agradece/ A redução não foi por bondade. É que os governadores fazem pesquisas internas e não querem ser acusados de não ajudar a aliviar o bolso do cidadão. Estão todos atrás do discurso "fiz a minha parte".

A ordem das votações/ A previsão é de que a Câmara funcione normalmente nas próximas duas semanas, uma vez que Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) não está na pauta da sessão conjunta desta primeira semana de julho. A expectativa é votar o texto depois de a PEC do Vale Tudo, aprovada pelo Senado, passar na Câmara.

Agenda aí/ O encontro entre Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT) no cortejo que tradicionalmente marca o 2 de julho em Salvador não foi tanta coincidência assim. Interessados em quebrar a polarização, eles consideram que dá para conversar mais à frente. Afinal, quando o assunto é eleição, 90 dias significam longo prazo.

ELEIÇÕES

Marcha em apoio a Bolsonaro

Ato organizado por pastores une religião e política, e confirma respaldo à reeleição. Primeira-dama representou presidente

» RENATA NAGASHIMA
» VICTOR CORREIA

A Marcha para Jesus, realizada ontem, em Brasília, tornou-se um evento de apoio a Jair Bolsonaro (PL) — que, na mesma hora, faziam uma motocia em Salvador. O presidente não compareceu nem mandou um vídeo aos presentes, mas foi representado pela primeira-dama Michelle Bolsonaro, que manteve o tom antipetista.

"Nenhuma armadilha prosperará contra a nossa nação. Amém?", indagou a primeira-dama. E prosseguiu: "Nós declaramos que esta nação é santa, edificada, liberta, curada pelo sangue precioso de Jesus. E as portas do inferno não prevalecerão contra a nossa família. Que o reino do Senhor se estabeleça sobre o Executivo, o Judiciário e o Legislativo", exortou.

No discurso para os participantes da marcha, Michelle disse que estava ali em nome do marido. "Hoje, o nosso presidente não pôde estar presente, está com agenda. Mas nós estamos aqui para representá-lo. Vocês estão aqui para representá-lo. E esse é um dia profético para nossa nação", disse.

Outros expoentes do bolsonarismo também participaram do evento, que percorreu o Eixo Monumental. Entre eles estavam o ex-ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni, pré-candidato do PL ao governo do Rio Grande do Sul; a ex-ministra da Mulher e dos Direitos Humanos Damares Alves (Republicanos), que pleiteia uma das vagas do Distrito Federal no Senado; e os deputados federais Júlio César Ribeiro (Republicanos-DF), João Campos (Republicanos-GO) e Celina Leão (PP-DF).

Pré-candidato à reeleição, o governador Ibaneis Rocha (MDB) juntou-se à marcha na altura do Clube do Choro. E também aproveitou a oportunidade para acenar aos eleitores religiosos.

"Sem dúvida nenhuma, os evangélicos estão fazendo uma belíssima oração pela cidade, cuidado da nossa cidade, orando pelos poderes Legislativo, Judiciário e Executivo. É muito importante ver as pessoas caminhando na rua com essa boa vontade de cuidar de todos nós. Vamos juntos nessa caminhada que é muito importante", salientou.

50 mil

A Marcha para Jesus em Brasília foi realizada pelo Conselho de Pastores Evangélicos do Distrito Federal (Copev). A organização esperava, inicialmente, um público de 50 mil pessoas e garantiu que desde o início do evento, às 9h, passaram pelo evento aproximadamente 25 mil pessoas. Procurada, a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) afirmou que não fez a contagem de pessoas.

O trajeto original da marcha era da Praça do Buriti até a Praça dos Três Poderes. Mas a concentração final foi realizada na Esplanada dos Ministérios, pouco antes do Congresso. Por volta das 13h30, os participantes do evento tinham se dispersado.

Discursando nos trios elétricos, pastores que organizaram a Marcha defenderam que "daqui para outubro é o vale da decisão" e que "estão em guerra". Grande parte do público usava camisetas com o rosto de Bolsonaro, além de roupas verdes e amarelas, e carregavam bandeiras do Brasil.



Nós declaramos que esta nação é santa, edificada, liberta, curada pelo sangue precioso de Jesus. E as portas do inferno não prevalecerão contra a nossa família. Que o reino do Senhor se estabeleça sobre o Executivo, o Judiciário e o Legislativo"

Primeira-dama Michelle Bolsonaro, em discurso na Marcha para Jesus

Victor Correia/CB/D.A Press



Michelle representou presidente. Outros bolsonaristas, como Onyx Lorenzoni e Damares Alves, marcaram presença

Ataque a Lula em evento evangélico no Rio

Depois de participar da motocia em Salvador, o presidente Jair Bolsonaro (PL) cumpriu mais uma agenda eleitoral, desta vez no Rio de Janeiro. Foi o convidado de honra do Louvorão 93, show musical evangélico promovido por uma emissora de rádio gospel da capital fluminense, na Praça da Apoteose — trecho final do sambódromo, no Centro da cidade.

A mensagem, como não podia deixar de ser, foi a pauta de costumes, que não teve espaço na motocia horas antes. Segundo Bolsonaro, "o Brasil enfrenta, neste momento, uma luta do bem contra o mal".

"O outro lado (referindo-se a Lula e ao PT) quer legalizar o aborto, nós não queremos. O outro lado quer legalizar as drogas, nós não queremos. O outro lado quer legalizar a ideologia de gênero, nós somos contra. O outro lado quer se relacionar com países comunistas, nós não queremos. O outro lado ataca a família, nós defendemos", reforçou.

No palco ao lado do pastor Silas Malafaia e de outros líderes evangélicos, Bolsonaro disse que "tentaram derrubar o governo por questões econômicas". Mas garantiu que as dificuldades nessa área estão sendo superadas.

"Estamos superando, agora, a questão dos combustíveis, mas muito mais importante é a questão espiritual. Onde os bons se omitem, os maus vencem", pregou.

O presidente relembrou a ocasião em que, durante outro evento evangélico, anos atrás, criou o slogan "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Segundo ele, ao discursar durante aquela reunião de pastores, lembrou-se da frase "Brasil acima de tudo", que é comum de se ver inscrita em paredes de quartéis. Como estava em um evento religioso, ele emendou a citação a Deus, e estava criado o slogan usado

durante a campanha presidencial de 2018.

O evento reuniu cantores de música gospel e pastores. A emissora que o promoveu pertence à família de Arolde de Oliveira, que era senador pelo PSD-RJ e morreu de covid-19, em outubro de 2020.

Quando Bolsonaro foi anunciado, o público se dividiu entre aplausos e vaias. Ao final do discurso, que durou nove minutos, o presidente só recebeu aplausos e o coro de "mito". Depois da fala do presidente, quem assumiu o comando do espetáculo foi Malafaia, que fez um discurso exaltando o presidente.